

# *Folhetins: uma prática de leitura no século XIX*

*Germana Maria Araújo Sales*

(Universidade Federal do Pará)

## **Resumo**

As relações entre leitura e leitores no século XIX atravessaram caminhos vários, diversificando-se entre diferentes formas que satisfaziam públicos distintos. Durante os anos oitocentos, os folhetins constituíram uma das leituras mais freqüentes, presentes nos jornais da província do Grão-Pará, durante a segunda metade do século XIX, observando as variantes apresentadas, tais como as temáticas e as demais distinções que surgiam nas publicações do local.

## **Palavras-chave**

Folhetins; leitura; jornais.

## **Abstract**

The relation between reading and readers in the XIX century went through carious paths, diversifying itself among diffrent radings that pleased the distinctive public. In the 1800's the feuilletons were one of the models of reading which were frequently read in Brazilian newspapers of the state of Grão Pará, during the second half of the XIX century, paying close attention to the variations displayed such as thematic and also other distinctions that in the local publications.

## **Key words**

Feulltons; reading; newspapers.

No Brasil, a imprensa surgiu após a chegada da família Real, em 1808<sup>2</sup>. A partir de então, os jornais passaram a fazer parte da vida privada e estavam intimamente ligados ao cotidiano das pessoas, que acompanhavam os acontecimentos e fatos políticos e culturais.

A expansão da imprensa periódica durante o século XIX constituiu-se em um dos elementos fundamentais para a vida intelectual da época no que se refere a transmissão de informações, atualização de novos conceitos e, até mesmo, como fonte de instrução.

O jornal passou a ser veiculado, também, como meio de entretenimento, e o elemento que estimulou esta prática foi a publicação diária de folhetins, introduzidos no Brasil, como o primeiro romance-folhetim traduzido – *O capitão Paulo*, publicado no *Jornal do Comércio*<sup>3</sup>. A partir de então, essas leituras diárias caíram no gosto do público. Nesse sentido, os periódicos apareceram como um dos meios de formação do público leitor, através de textos informativos, noticiosos e literários. A estrutura do romance-folhetim estabelecia uma certa cumplicidade com o leitor, através do uso da fórmula do “continua amanhã...”. Em geral, os textos publicados nos rodapés dos jornais, no Brasil durante o século XIX, eram, geralmente, textos extraídos de outros periódicos ou produções anônimas.

Rigorosamente, durante os anos oitocentos, os romances-folhetins ocupavam um lugar estabelecido nos jornais – o pé da página – espaço destinado a publicações diversas que abordassem temas literários e de entretenimento. Ali, publicavam-se desde crônicas, críticas, peças de teatro e livros recentemente lançados, até piadas, charadas e receitas de cozinha. Para denominar esta mistura de gêneros diversificados, Martins Pena empregou o termo “sarrabulho lítero-jornalístico”<sup>4</sup>, sugerindo que a mistura de escritos que se apresentavam nos rodapés dos jornais não estavam classificadas entre os gêneros nobres. Mesmo assim o romance-folhetim foi uma febre nacional que impulsionou muitos dos nossos grandes autores a utilizarem esse espaço como forma de publicação das suas obras e projeção dos seus nomes entre o público e a crítica. Sendo o jornal o veículo de comunicação mais acessível na sociedade dos oitocentos, talvez este fosse o caminho mais rápido e fácil para o escritor alcançar notoriedade.

Os progressos e as variações dos periódicos não podem ser observados de forma independente da história social e econômica que os enquadra. Sua condição de instrumento cultural está condicionada em cada caso às situações particulares do momento e do espaço em que ocorreram. Deste modo, o jornal surgiu e adquiriu importância, não apenas pelas circunstâncias políticas, mas pela notabilidade como instrumento de veiculação da literatura, alcançando um público mais amplo, que não ficaria restrito apenas à leitura de livros para o conhecimento de uma produção literária. Graças ao seu baixo custo, o jornal possibilitou uma maior interação entre o leitor e o texto impresso, convertendo-se num meio de divulgação literária, alcançando dimensão e proporção significativas para o estreitamento das relações entre leitor e leitura.

Para aprofundar os estudos a respeito da prática de leitura de romances-folhetins no Brasil, examinou-se a ocorrência desse gênero em jornais que circularam também na província do Grão-Pará. Nessa província, a imprensa teve início com Filipe Patroni que, adquiriu uma pequena tipografia usada em Lisboa e fundou em Belém, no ano de 1822, o primeiro jornal impresso da região Norte<sup>5</sup> – *O Paraense*. Este foi o pioneiro de uma série de jornais

que surgiram a partir daí. O desenvolvimento jornalístico no Pará foi crescente e dinâmico e entre os periódicos da época circulavam temas noticiosos e políticos. Ao lado dessas matérias, entretanto, eram introduzidos, ainda que discretamente, assuntos literários.

Na segunda metade do século XIX, momento áureo do ciclo da borracha<sup>6</sup>, a província do Grão-Pará passou por grandes transformações culturais. A exploração e a exportação desse produto adquiriu grande significado econômico, o que beneficiou a capital Belém do progresso, intensificando sua urbanização e desenvolvimento, quando foram inauguradas importantes instituições responsáveis pelo desenvolvimento intelectual e cultural da região. O Museu Emílio Goeldi<sup>7</sup> (1866), a instituição de pesquisa mais antiga da Amazônia; o Grémio Literário Português<sup>8</sup> (1867), o Teatro da Paz<sup>9</sup> (1878) e a Biblioteca pública Arthur Vianna<sup>10</sup> (1899) são alguns dos elementos de transformação cultural da região.

Numa região marcada pela distância em relação aos centros culturais mais desenvolvidos, observa-se que a publicação do romance-folhetim na província do Grão-Pará<sup>11</sup> se desenvolveu literariamente com os recursos mais acessíveis à região, como a publicação de traduções ou textos extraídos de jornais publicados no Rio de Janeiro. Concretamente, esta reprodução de textos ficcionais era mais acessível, pois as pesquisas indicam que havia um número reduzido de autores locais dedicados à escrita de prosa de ficção. A moda do romance-folhetim se estabeleceu em alguns jornais locais, como a *Gazeta Oficial*, o *Jornal do Pará*, o *Diário de Belém*, o *Liberal do Pará* e *A Folha do Norte*, dentre outros. Nesse espaço do folhetim, encontra-se rubricas que registram a diversidade de gêneros ou ainda a dificuldade de nomear um gênero novo. *Varietades*, *Miscellanea*, *Litteratura* ou *Folhetim*, assim eram denominadas as seções, geralmente divididas em quatro colunas no pé-de-página inicial em que circulavam as publicações literárias nos jornais.

Antes de 1860, encontramos os seguintes periódicos que já reservavam espaço para a literatura: *O Beija-Flor*, periódico literário semanal, impresso na Typografia Mendonça e Baena, publicado entre os anos de 1850 e 1951; o *Diário do Comércio*, publicação diária, de segunda a sábado, circulou entre 1854 e 1857, trazia assuntos políticos, comerciais e um espaço destinado à publicação de folhetins e romances; o *Adejo literário*, jornal literário semanal, que circulou entre 1855 e 1858, diversificou os espaços ocupados pela literatura (com a publicação de poema, líras e charadas, dentre outros gêneros).

A partir da segunda metade do século XIX, cresceu o número de periódicos publicados na cidade de Belém que investiram nas publicações literárias. Num total de cinquenta e quatro jornais publicados entre 1822 e 1900, vinte e nove reservavam um espaço para publicações literárias de diferentes gêneros<sup>12</sup>.

Para fundamentar esta exposição, apresente a seguir dados relativos a cinco jornais, em que a ocorrência da publicação folhetinesca era constante – *Gazeta Oficial*, *Jornal do Pará*, *Diário de Belém*, *Liberal do Pará* e *A Folha do Norte*<sup>13</sup>. Nesses periódicos circularam, diariamente, textos literários de vários gêneros: “romance-folhetim”, “romance”, “romance de cavalaria”, “novela”, “conto”, “crônica”, “crônica religiosa”, “crônica política”, “crônica humorística”, “crônica de viagem”, “poesia”, “farsa”, “lenda” e “texto reflexivo”<sup>14</sup>. Os assuntos também eram diversificados: amor, peripécias, desilusões amorosas, dramas familiares. As

colunas de *Varietades*, *Miscellanea*, *Litteratura* ou *Folhetim* apresentavam uma diversidade das práticas de escrita que romperam com os gêneros cristalizados da poética clássica.

Diante de tal variedade pode-se afirmar que tais textos estariam direcionados a uma leitura classificada como “extensiva”, de acordo com a terminologia utilizada por Roger Chartier, pois tratava-se de uma situação em que o leitor deparava-se com um grande número de impressos, consumidos com avidez e velocidade<sup>15</sup>.

Essas publicações podem ser divididas nas seguintes categorias: textos anônimos e com pseudônimos, traduções, publicações de autores nacionais. Somente na década de 1860 – nos jornais *Gazeta Oficial*, *Jornal do Pará*, *Diário de Belém* e *Liberal do Pará* – foram publicados 139 textos nos rodapés das colunas diárias.

As crônicas contabilizaram a maioria das publicações daquela época, tendo sido publicadas 59 nos jornais *Gazeta Oficial*, *Jornal do Pará*, *Diário de Belém* e *Liberal do Pará*. O conto foi o segundo gênero mais publicado contabilizando um total de 32 textos. Nota-se, curiosamente, que os textos com a denominação de romances, novelas ou folhetins ocupavam 10% do espaço destinado à publicação de folhetins, ficando em desvantagem se comparado aos outros gêneros divulgados no espaço jornalístico. Desta forma os números ficaram assim distribuídos:

Crônicas .	43%
Contos .	23%
Prosa literária <sup>16</sup>	16%
Novelas, romances e folhetins .	10%
Poesia .	4%

Na tabela abaixo aparecem relacionados os nomes dos periódicos que dedicaram algum espaço à publicação de textos literários:

JORNAL	ANO	PERIODICIDADE	ASSUNTOS	FUNDADOR	LOCAL DE IMPRESSÃO
O Beija-Flor	1850 e 1851	Semanal	Literário	–	Typographia de Mendonça & Baena
O Incentivo	1851		Temas variados e <b>literários</b>	–	–
Adejo literário	1857	Semanal	Jornal instrutivo e <b>literário</b>	–	Typografia Commercial de A. J. R. Guimarães
Gazeta Official	1858 – 1866	Diário	Temas variados e <b>literários</b>	Antonio José Rabelo Guimarães	Typographia de A. J. R. Guimarães
Diário do Commercio	1859	Segunda a Sábado	Comercial, político, noticioso e publicações de <b>folhetins e romances</b>	José Joaquim de Sá	Typographia do Diário do Commercio
A Epocha	1859	Semanal	Político comercial, noticioso, <b>publicações de poemas e sonetos</b>	–	Typographia do Observador e Typographia de Frederico Rhossard
Jornal do Pará	1867 – 1878	Diário	Político, comercial, <b>literário</b> e noticioso	Cypriano Santos	Typographia de Santos & Irmãos
Baixo Amazonas	1872 – 1894	Semanal	Temas variados e <b>publicação de folhetins</b>	João Victor G. Campos e Bacharel Augusto Olympio	Typographia do Baixo Amazonas
A Regeneração	1873 – 1876	Bissemanal	Político, comercial, noticioso e <b>literário</b>	Samuel Wallace Mac-Dowell	Typographia da Regeneração
A Província do Pará	1876 – 1892	Diário	Temas variados e <b>publicação de folhetins</b>	Joaquim José de Assis, Francisco de Souza Cerqueira e Antonio José Lemos	Typographia do Futuro e Typographia da Província do Pará
A Pirralhada	1877	Quinzenal	<b>Literário</b> , crítico e humorístico	–	–
Gazeta de Notícias	1881	Diário	Comercial e noticioso, <b>publicação de folhetins</b>	José Galdino da Silva e Francisco da Costa Silva	Typographia Commercial
A república	1886 – 1900	Diário	Temas variados e <b>literários</b>	José Paes de Carvalho	Typographia da República
A Arena	1887	Semanal	<b>Literário</b> , artístico e científico	Paulino de Brito, Heliodoro de Brito e Marques de Carvalho	Typographia da Província do Pará e Typographia do Diário de Belém

JORNAL	ANO	PERIODICIDADE	ASSUNTOS	FUNDADOR	LOCAL DE IMPRESSÃO
A Reação	1889	Semanal	Temas variados e <b>publicação de folhetins</b>	–	Typographia da Reacção
O Evoluir	1889	Semanal	Literário	–	Typographia do Porvir
O Porvir	1889	Semanal	<b>Literário</b> e recreativo		
O Caixeiro	1889	Semanal	<b>Literário</b> e noticioso	–	Typographia de Pinto Barbosa
O Gláudio	1890	Semanal	Noticioso, crítico e <b>literário</b>	–	Typographia do Livro do Povo
A voz do caixeiro	1890	Semanal	Noticioso, comercial e <b>literário</b>	–	Typographia do Livro de Ouro
O Trabalho	1890	Quinzenal	Literário	–	–
Sylvio Romero	1890	Semanal	Crítico e <b>literário</b>	Olympio Lima	Typographia C. Wiegandt
A Pátria	1890	Quinzenal	Crítico, artístico e <b>literário</b>	Argemiro Pinto	Redação na rua 13 de Maio, n. 26
O Aprendiz	1890	Bissemanal	<b>Literário</b> e crítico	Lagos da Silva	Impresso na rua dos Mártires, n. 30
O Pimpão	1891	Semanal	<b>Literário</b> e político	–	Typographia e Lith. A. Campebell
Correio paraense	1892 – 1894	Diário	Noticioso, político e <b>literário</b>	Bento Aranha	Typographia do Diário de Belém
A Pátria paraense	1894	Diário	Noticioso, comercial, imparcial em política e <b>literário</b>	–	Typographia do Diário de Belém
A Folha do Norte	1896 – 1900	Diário	Noticioso, político e <b>literário</b>	Enéas Martins, Cipriano Santos	Typographia da Folha do Norte
O Holophote	1897	Bissemanal	Noticioso, crítico, comercial e <b>literário</b>	Emílio José de Mello	Oficina à rua Treze de Maio, n. 20
O Pará	1897 – 1899	Segunda a Sábado	Político, comercial, noticioso e <b>literário</b>	Fulgência Simões e Ovídio Filho	Typographia da Província do Pará

A publicação de romance-folhetim bem explorada na *Gazeta Oficial*, no *Jornal do Pará*, no *Diário de Belém* e *Liberal do Pará*, repete-se também, na década de 1880, 1890 e 1900, n' *A Folha do Norte*<sup>17</sup> – periódico que tinha como objetivo divulgar notícias políticas e acontecimentos significativos à sociedade – chamou atenção pelo espaço dedicado aos assuntos literários. Publicado a partir de 1886, com grande circulação, destacou-se neste jornal as colunas dos rodapés em que apareciam os romances-folhetins e outros gêneros literários. Somente durante o primeiro ano do jornal, foram publicados vinte e oito folhetins, com temas diversificados, incluindo alguns contos para crianças. Além da publicação permanente de folhetins, que circulavam diariamente, apareciam também notícias avulsas referentes à Literatura, como anúncios de lançamentos ou de vendas de livros; colunas críticas, assinadas pelos intelectuais da época; avisos de vendas em livrarias; publicação de poesias e textos sobre literatura portuguesa e autores desta mesma literatura e, até, conselhos de recomendações à leitura.

O interesse do jornal *A Folha do Norte* pela literatura estende-se para a divulgação de folhetins e, logo na sua primeira edição, publica o folhetim *Cara*, do escritor francês Hector Malot (1830 – 1907), entre janeiro e março de 1886. Entre os folhetins publicados neste jornal, encontra-se uma expressiva produção de autores brasileiros oitocentistas já consagrados pela História Literária nacional. Destes, encontramos as seguintes publicações:

Machado de Assis	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Uma Carta (17 de março)</li> <li>• Adão e Eva (19 a 21 de junho de 1897)</li> <li>• Uns Braços (15 a 17 de outubro de 1899)</li> <li>• O Diplomático (24 a 26 de outubro de 1899)</li> <li>• Conto de escola (02 a 03 de janeiro de 1900)</li> <li>• A Cartomante (04 a 05 de janeiro de 1900)</li> </ul>
Visconde de Taunay	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A tarde no Sertão (24 de junho – 1897)</li> <li>• Innocencia (09 de julho a 28 de agosto – 1899)</li> </ul>
Manuel Antônio de Almeida	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Memórias de um Sargento de Milícias (21 de outubro a 22 de dezembro – 1898)</li> </ul>
Medeiros e Albuquerque	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A Confissão Ruínas (06 a 08 de abril – 1899)</li> </ul>
José Veríssimo	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O Voluntário da Palma (26 de junho a 03 de julho – 1899)</li> </ul>
Garcia Redondo	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Viagens pelo país da ternura (28 de setembro a 14 de outubro – 1899)</li> </ul>
Bernardo Guimarães	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O Seminarista (19 de novembro até o fim de dezembro – 1899)</li> </ul>

Ao lado dos escritores consagrados da nossa literatura aparecem outros, pouco conhecidos na época, e, também uma quantidade significativa de autores estrangeiros, conforme apresento na tabela abaixo:

Vernon Lee	Nossa Senhora das Sete Espadas (de 15 a 21 de maio de 1896)
Daniel Lesusuer	Justiça de Mulher (a partir de 22 de maio de 1896)
A. Nunes Pinto Moita	Isaura (14 de julho de 1896)
Albert Delpit	Cousas da Vida (16 de julho a 18 de setembro de 1896)
João de Deus do Rego	As festas de Nazareth (11 de outubro de 1896)
Marcelino Mesquita	A Declaração (18 de outubro de 1896)

Mello Moraes Filho	A Noite de Natal (25 de dezembro de 1896)
Paulo Rouget	O Adeus (14 de fevereiro de 1897)
Ignez Sabino	O Lenço de Gase (24 de fevereiro de 1897)
João Richepin	A Obra prima do crime (28 de fevereiro de 1897)
Urbano Duarte	As Farças do Sampaio (03 de março de 1897)
Geroges Beaume	O Roubo (05 a 10 de março de 1897)
Virgílio Várzea	O Castelo do rei Luiz (11 de março de 1897)
Júlio Desmolliens	O Quadro (12 de março de 1897)
Guy de Maupassant	O Medo (16 de março de 1897)
Maria Luiza Néron	A Touquinha (18 de março de 1897)
Guy de Maupassant	Coxinha (23 de março de 1897)
René Maizeroy	Um olhar (25 de março de 1897)
Lúcio de Mendonça	Sereníssimas Bestas (26 de março de 1897)
Alberto de Oliveira	Fio de Ouro (27 de março de 1897)
Jorge Oscar	Conto Medieval (04 de outubro de 1897)
Guimarães Passos	Clarissa – contos espíritas (16 de abril de 1897)
Virgílio Várzea	A Gaivota azul (02 de maio de 1897)
João de Deus do Rego	A Quermesse Redentora (13 de maio de 1897)
Virgílio Várzea	Tristão e Yseult (16 de maio de 1897)
Virgílio Várzea	Velada (07 de junho de 1897)
Frota Pessoa	Imolação (08 a 12 de junho de 1897)
Frederico Carmon	O Sacrifício (14 a 15 de junho de 1897)
Guy de Maupassant	O Pai do Simão (16 a 18 de junho de 1897)
Teixeira de Queiroz	Na casa Prestes (02 de junho de 1897)
Virgílio Várzea	O Amor de Garibaldi (26 a 28 de junho de 1897)
Affonso de Castro	Conto Antigo (05 de julho de 1897)
Virgílio Várzea	A Amazônia (09 a 10 de julho de 1897)
Teixeira de Queiroz	Debaixo do sol ardente (11 de julho de 1897)
Virgílio Várzea	Na vida burguesa (12 de julho de 1897)
Valdomiro Siqueira	Pedido de conversa (13 de julho de 1897)
Jacinto Parreira	Pudor (14 de julho de 1897)
Virgílio Várzea	Supremo adeus (25 de julho de 1897)
José Henrique	Mistério (01 de agosto de 1897)
Marcelino Fagundes	O Curare (23 a 28 de setembro de 1897)
Jaime Batalha Reis	A Descoberta do Mundo (29 de setembro a 05 de outubro de 1897)
Ezequiel Lisboa	Noivo Logrado (07 a 11 de outubro de 1897)
José Simão da Costa	O Mistério Inexplicável (12 a 15 de outubro de 1897)
Leon Tolstoi	Kátia (20 de outubro a 27 de novembro de 1897)
Alfredo Souza	O maior Suplício (16 de janeiro de 1898)



Ernesto Capendu	Desventurados (31 de janeiro a 04 de maio de 1898)
Jacques Normand	Uma dívida (13 de fevereiro de 1898)
Emile Zola	Como se morre (06 de março de 1898)
Salvatore de Giacomò	Sem o ver (01 de maio de 1898)
Daniel Dannunzio	A arca (05 e 06 de maio de 1898)
Pierre Zaccone	Ódio não cansa (22 de maio de 1898)
Emílio Gaboriau	Herança de Sangue (22 de setembro a 14 de outubro de 1898)
Gabriel D'Annunzio	O Mártir (17 a 20 de outubro de 1898)
Jeanne Mairé	Rastros Vingadores (16 de fevereiro a 12 de março de 1899)
Júlio Dantas	O que morreu de amor (14 de março de 1899)
Medeiros e Albuquerque	A Confissão (06 a 08 de abril de 1899)
Jules Janin	Um casamento na venda (11 a 15 de abril de 1899)
G. D'Annunzio	Os Sinos (26 de abril de 1899)
Virgílio Várzea	Velha Paixão (28 a 30 de abril de 1899)
Guy de Maupassant	A Mãe Sauvage (01 e 02 de maio de 1899)
Paul Pionte	O Dever (03 de maio de 1899)
Luís Guimarães Júnior	A Canção (04 de maio de 1899)
Emile Zola	Não fiar nas aparências (05 a 13 de maio de 1899)
Leonor da Silveira	Um vencido (14 de maio de 1899)
Maria Amaral Vaz de Carvalho	Os seis companheiros insensíveis (18 e 19 de maio de 1899)
Alberto Pimentel	A Princesa de Boivão (20 de maio a 22 de junho de 1899)
Affonso Daudet	Mentirosa (08 de julho de 1899)
Maria Amaral Vaz de Carvalho	O Judeu Mentiroso (24 de setembro de 1899)
Lúcio de Mendonça	João Mandy (26 e 27 de setembro de 1899)
Garcia Redondo	Viagens pelo país da ternura (28 de setembro a 14 de outubro de 1899)
Mário Villar	Sem solução (21 a 23 de outubro de 1899)
Arthur Azevedo	Sabina (30 e 31 de outubro de 1899)
Antonio de Campos Junior	Guerreiro e Monge (01 a 18 de novembro de 1899)
Charles Corbin	O Crime de Julieta (29 de janeiro a 16 de fevereiro de 1900)
Tito Martins	Um drama íntimo (16 de fevereiro a 15 de março de 1900)
A. Graven	Ventura na Desdita (18 de março a 24 de abril de 1900)

Ainda podem ser encontrados nos jornais do Pará algumas publicações das obras anteriormente editadas em livros, como o romance *Memórias de um Sargento de Milícias*, de Manuel Antônio de Almeida. Esta obra, primeiro publicada em 24 capítulos, como folhetim, no *Correio Mercantil*, do Rio de Janeiro, sem assinatura, no ano de 1852<sup>18</sup>, foi editada em livro em 1858. Nove anos depois desta primeira edição, em 1967, este livro volta a ser publicado em folhetim, no *Jornal do Pará*. Em 1898, é novamente publicada em folhetim, desta vez n' *A Folha do Norte*.

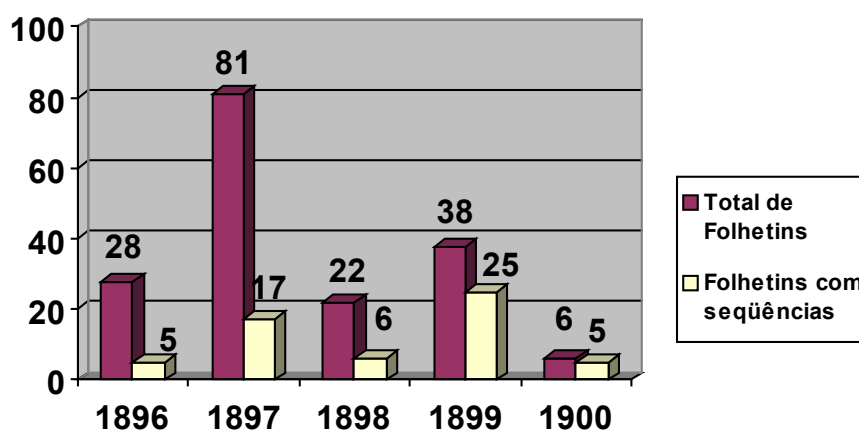
Além da obra de Manuel Antônio de Almeida, outras duas obras da literatura brasileira tiveram o mesmo destino – *Inocência*, de Visconde de Taunay, publicado em livro em 1872, teve nova versão em folhetim, n' *A Folha do Norte*, em 1899. *O Seminarista*, de Bernardo Guimarães, também anteriormente publicado em livro, em 1872, reapareceu em folhetins em 1899, n' *A Folha do Norte*.

Além dos textos referidos, de autores consagrados, constatei que grande parte das publicações em folhetins no jornal *A Folha do Norte* nem sempre eram assinados, sendo a maioria anonimamente publicados ou com o uso de pseudônimos, chegando a contabilizar 52% do total das publicações literárias desse jornal.

Os romances-folhetins publicados n' *A Folha do Norte* aproximam-se das matrizes do modelo francês, pois mantinham a estrutura convencional, com divisão em capítulos, à qual se liga a criação e manutenção do suspense. A estrutura da continuação em capítulos, importada da França, proporcionava a curiosidade para a leitura diária do jornal. Esta leitura, de certo modo, teve uma via de mão dupla, pois à medida que favoreceu a divulgação da literatura e, conseqüentemente, para a formação de um público leitor; contribuía também para a difusão necessária dos jornais que necessitavam de leitores para a propagação dos anúncios, como observa Marisa Lajolo, “a aritmética é simples: mais leitores = mais anunciantes; mais anunciantes = mais dinheiro”<sup>19</sup>. Neste sentido, *A Folha do Norte* manteve até o final do século a publicação diária da coluna folhetim, ainda que nem todos os textos obedecessem especificamente ao molde francês da divisão em capítulos. O fato é que esta divulgação literária fortalecia um público leitor que estava se intensificando.

O gráfico a seguir apresenta o total dos folhetins publicados n' *A Folha do Norte* entre os anos de 1896 e 1900. Dos 175 folhetins publicados neste periódico, 74 mantinham a fórmula francesa, divididos em capítulos, com produção diária. Os demais textos distribuíram-se entre as publicações diárias e, geralmente, eram intitulados de crônicas e contos.

**Publicação de Folhetins - Folha do Norte**



O gráfico demonstra a incidência da coluna de rodapé no jornal *A Folha do Norte*, no final do século XIX, o que me faz acreditar que a ocorrência desses textos literários, direcionados, ou não, para o entretenimento; consistiam num grande atrativo nos jornais da época. Percebe-se,

além disso, que a re-edição em folhetins, de obras já editadas em livros, seria uma maneira de aproximar o público de uma literatura que poderia não circular amplamente no Pará.

A produção de textos em folhetins publicados em jornais da cidade de Belém refere-se a uma época de grande efervescência cultural, período em que as parcerias entre uma elite intelectual e facções políticas, facilitaram a produção periódica e a divulgação literária. A linha temática do romance-folhetim esteve presente entre grande parte dos jornais de todo o país e percorreu toda a segunda metade do século XIX, na província do Grão-Pará, alcançando uma produção semelhante às publicações em folhetins de outras regiões, como Rio de Janeiro e Mato Grosso<sup>20</sup>.

Retomar as investigações sobre o romance-folhetim no Brasil é tentar reconhecer o percurso percorrido por este gênero após sua implantação em terras nacionais. Ademais, as investigações sobre esta produção literária podem nos levar novamente a refletir sobre um fenômeno que alcançou um público significativo, emoldurado pelo discurso do melodrama comum na maioria dos textos. Reconhecer a divulgação do romance-folhetim no Grão-Pará contribui para as pesquisas sobre os caminhos da ficção e sobre a História da leitura no Brasil.

## Notas

<sup>1</sup> Este trabalho foi apresentado no IX Congresso Internacional da ABRALIC, 2004.

<sup>2</sup> Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça foi o grande da imprensa brasileira como também o criador da imprensa política lusitana. In: LUSTOSA, Isabel. *Insultos impressos – a guerra dos jornalistas na Independência (1821 – 1822)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 73.

<sup>3</sup> *Capitaine Paul*, de Alexandre Dumas, publicado em 1838, foi traduzido do francês e publicado em jornais brasileiros no mesmo ano. Chamava-se folhetim o espaço no rodapé dos jornais, reservado à publicação de romances-folhetins e outros gêneros literários. Sobre esta publicação e a ocorrência do romance-folhetim no Brasil, mais particularmente no Rio de Janeiro e em São Paulo, ver: MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 60.

<sup>4</sup> Apud MEYER, Marlyse, op. cit.

<sup>5</sup> SOARES, Antonio José. *História Geral de Belém e do Grão-Pará*. Belém: DistribeL, 2001.

<sup>6</sup> Embora a exportação desse produto tenha ocorrido desde o início do século XIX, foi a partir de 1850 que a sua exploração adquiriu maior significado econômico.

<sup>7</sup> O museu surgiu na gestão do governador Lauro Sodré que contratou o grande naturalista Emílio Goeldi para dirigi-lo.

<sup>8</sup> O Grémio Literário e Recreativo Português criou a primeira biblioteca de Belém, em 1867, precisamente 30 anos depois de ser criado no Rio de Janeiro o Gabinete Português de Leitura, através da aquisição de livros no Rio de Janeiro e em Lisboa. O ensino avulso de diversas disciplinas e, posteriormente, os cursos comercial e primário – este gratuito – foram também uma constante nesta instituição até metade do século XX. Na sua gênese, se chamaria “Gabinete Português de Leitura”, conforme a convocatória publicada no *Diário do Grão-Pará*; nos Estatutos sancionados pelo governador provincial a denominação registrada é Grémio Literário Português.

<sup>9</sup> O Teatro da Paz foi construído pela iniciativa privada nos tempos áureos da borracha, em 1878, quando Belém era uma das cidades mais ricas do Brasil. Seu projeto foi elaborado pelo engenheiro Tibúrcio Pereira Magalhães, arquitetado em estilo neoclássico, com colunas gregas na fachada, o teatro possui vestíbulo e interior do salão nobre com pinturas de temática amazônica de autoria do artista plástico Armando Balloni. O teto da sala de espetáculos com motivos que representam o deus Apolo e as musas entrando triunfalmente na Amazônia foi pintado por Domenico de Angelis.

<sup>10</sup> A Biblioteca Pública Arthur Vianna, fundada em 25 de março de 1871, teve como seu diretor Arthur Vianna (1873 – 1911), nomeado em 1895, pelo governo Lauro Sodré. Esta biblioteca oferece os mais diversos serviços nas áreas da promoção, da difusão e da preservação da cultura, em todas as suas formas de expressão, sobretudo através da leitura. Dispõe de um valioso acervo de obras em todas as vertentes literárias, técnicas e didáticas; composto de cerca de 350.000 volumes entre livros, folhetos, revistas, jornais, mapas, discos em vinil, fitas de vídeo, DVD, CDs ROM, livros em Braille, microfilmes, jogos, gibis e outros.

<sup>11</sup> Em 1815, as capitanias gerais do Brasil foram transformadas em províncias. A província do Grão-Pará, com capital em Belém abrangia toda a superfície da Amazônia, pois a capitania do Rio Negro (atual estado do Amazonas) permaneceu dependendo do Pará.

<sup>12</sup> Esses números referem-se aos jornais catalogados na sessão de microfilmes da Biblioteca Arthur Vianna, em Belém, PA.

<sup>13</sup> Dados compilados por Brena de Cássia Farias Cavalcante (bolsista PIBIC/UFPA).

<sup>14</sup> Termos atribuídos aos diferentes gêneros publicados nas colunas de rodapé.

<sup>15</sup> CHARTIER, Roger. “O romance: da redação à leitura”. In: *Do palco à página*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002. De acordo com Roger Chartier as práticas de leitura podem ser caracterizadas em duas categorias: leitura intensiva e leitura extensiva. A primeira categoria se refere ao início do século XVIII, quando o leitor se confrontava com um número limitado de textos, que eram lidos, relidos e memorizados. A leitura extensiva passa a ser praticada no final do século XVIII, em oposição à leitura intensiva, o leitor lia variados impressos e raramente retomava a leitura desses textos.

<sup>16</sup> Os textos críticos ou ensaísticos publicados nas colunas de rodapés eram chamados de “prosa literária”.

<sup>17</sup> Jornal de circulação diária, independente, noticioso, político e literário. Fundado por Enéas Martins, Cipriano Santos e outros, tinha por objetivo principal lutar pelo desenvolvimento político e social da região, defendendo o partido republicano federal, chefiado por Lauro Sodré e, depois, por Paes de Carvalho.

<sup>18</sup> TINHORÃO, José Ramos. *Os romances em folhetim no Brasil: 1830 à atualidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1994.

<sup>19</sup> LAJOLO, Marisa. *Como e por que ler o romance brasileiro*. São Paulo: Objetiva, 2004.

<sup>20</sup> Sobre a produção de folhetins no Mato Grosso, ver NADAF, Yasmin Jamil. *Rodapé das Miscelâneas – o folhetim nos jornais de Mato Grosso (séculos XIX e XX)*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2002.

## Referências bibliográficas

BRITO, Eugênio Leitão de. *História do Grêmio Literário e recreativo português*. Belém: Editora Santo Antônio, 1994.

- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. 2vls. São Paulo: Martins, 1964.
- CHARTIER, Roger. “O romance: da redação à leitura”. In: *Do palco à página*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002.
- HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1995.
- LAJOLO, Marisa. *Como e por que ler o romance brasileiro*. São Paulo: Objetiva, 2004.
- LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1999.
- LUSTOSA, Isabel. *Insultos impressos – a guerra dos jornalistas na Independência (1821 – 1822)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- MEYER, Marlyse. *Folhetim: Uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- NADAF, Yasmin Jamil. *Rodapé das Miscelâneas – o folhetim nos jornais de Mato Grosso (séculos XIX e XX)*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2002.
- SERRA, Tânia Rebelo Costa. *Antologia do romance de folhetim (1839 a 1870)*. Brasília: editora da UNB, 1997.
- SOARES, Antônio José. *História Geral de Belém e do Grão-Pará*. Belém: Distribel, 2001.
- TINHORÃO, José Ramos. *Os romances em folhetim no Brasil: 1830 à atualidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1994.